

Defasagem educacional

Os números falam mais que mil palavras. Embora a defasagem escolar seja amplamente divulgada, surpreende saber que na capital da República um em cada quatro alunos do ensino fundamental frequenta série atrasada em relação à idade. A evasão e a repetência respondem pelo fenômeno. Mais: o Distrito Federal exibe a triste cifra de 201 mil analfabetos funcionais. São pessoas que, aprovadas nos anos iniciais de estudo, revelam-se incapazes de escrever ou entender textos simples e fazer as quatro operações.

A realidade da urbe que ostenta um dos maiores índices de desenvolvimento humano do país permite inferir o quadro das demais unidades da Federação. Em maior ou menor grau, todas padecem do mesmo mal. A educação brasileira enfrenta uma série de desafios. O maior deles: melhorar a qualidade do ensino. Nas três últimas décadas, o país investiu maciçamente na universalização da escola. Teve êxito. Hoje, 97% das crianças entre 7 e 14 anos estão matriculadas no nível fundamental.

Paralelamente, porém, não houve preocupação com a excelência. Os responsáveis pelo setor acreditavam que competia ao Estado oferecer vagas. A seleção dos melhores ficaria a cargo da sociedade. Assim, o Estado respondia às exigências da população que migrou dos campos para a ci-

dade. A rápida urbanização impunha a massificação do ensino — processo por que passou boa parte dos países que ainda não haviam democratizado os bancos escolares.

Ocorre que o Brasil não deu o passo seguinte. Depois do gigantesco esforço, deixou a qualidade em segundo, terceiro ou quarto plano. Não só. A escola não se adaptou à nova clientela. Antes privilégio da elite, recebia alunos com respeitável lastro cultural. Eram crianças que tinham familiaridade com livros, viagens e padrão culto de língua.

Os que chegavam exibiam outro perfil. De origem rural, faltava-lhes a base dos antecedentes. Nem professores, nem bibliotecas, nem material didático correspondiam à nova realidade. O resultado é de todos conhecido. As classes média e rica se bandearam para as instituições particulares. As públicas passaram a ser reduto dos menos privilegiados.

A degradação atingiu tal nível que hoje o Brasil exibe os piores índices educacionais da América Latina. Não é por acaso que o tema ganhou generosos espaços na campanha eleitoral. Urge transformar as palavras em atos. Responder ao desafio da educação deve constituir compromisso nacional de várias gerações, independentemente de cor partidária. Sem isso, não só perderemos o trem da história. Perderemos também a esperança de ultrapassar a barreira do atraso e da pobreza.